

PEDRO ABELARDO E O PERÍODO MEDIEVAL

Janete Maria Galupo Peruffo
Naiana Caroline Taques

RESUMO

O presente artigo foi escrito em base da história do teólogo francês **Pedro Abelardo**, considerado um filósofo contestador e também um dos mais notáveis pensadores, pertencente ao período medieval na qual fez parte da **Escolástica**. Sendo uma organização dentro da Igreja Católica que tinha a lógica e a racionalidade como caminho, com ideias filosóficas de Platão e fortemente influenciada por Santo Agostinho. Ao ler este artigo, faremos uma viagem no tempo. Abordaremos um pouco sobre a Idade Média, ou melhor, a Baixa Idade Média, período em que Abelardo viveu, conheceu a sua amante Heloisa e contribuiu para a filosofia por ser um grande teólogo, filósofo e lógico. Dentre outros assuntos serão tratados a Filosofia Escolástica e o **Direito** Canônico. Por fim, falaremos sobre a curiosa história de vida e obra de Pedro Abelardo, também conhecido como “O Cavaleiro da Dialética”.

PALAVRAS-CHAVE: Pedro Abelardo; Escolástica; Direito.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo trata a conturbada história do filósofo francês Pedro Abelardo. Viveu no período medieval, especificamente no século XI, na Baixa Idade Média em um período de predomínio da Igreja Católica. Esta controlava quase tudo na época, terras, economia, pensamento e, porventura, o Direito.

Notaremos esse período sendo de grande produção intelectual, ou seja, um Renascimento das ideias gregas clássicas graças aos homens castos, os teólogos. A começar com as cópias dos manuscritos antigos dentro dos mosteiros, permitindo o homem conhecer e introduzir nos seus estudos. Presenciaremos também o nascimento da Escolástica e o conflito fé e razão, abordado por Abelardo.

Não há como se esquecer da evolução histórica do Direito Penal ao passar pelas vinganças até chegar ao Direito Canônico ou Penal Medieval.

Antes, faremos uma abordagem rápida sobre a Europa e a França no século XI, período de vivência de Abelardo.

2 A FILOSOFIA E O DIREITO NA BAIXA IDADE MÉDIA

2.1 A baixa idade média

A Baixa Idade Média é o período da Idade Média que se estende do século XI ao século XV. É caracterizado pelo momento histórico de crise do modo de produção feudal e das relações econômicas, sociais e culturais a ele relacionadas, ou seja, a derrocada do mundo medieval. Veremos a seguir os principais fatores desencadeadores deste período.



O primeiro é o Comércio e o Renascimento das Cidades. Na chamada Alta Idade Média as cidades medievais localizavam-se nos feudos e estavam sujeitas à cobrança de diversos impostos. A partir do século XI houve um incremento do comércio gerando a organização de muitas cidades basicamente formadas por comerciantes e artesãos. Receberam o nome de burgos e nelas se desenvolveu uma nova classe social, a burguesia. Lembramos que não havia esgotos, calçamento e recolhimento regular do lixo e as doenças epidêmicas eram frequentes, inclusive a Peste Negra (1347 – 1350) que ceifou a vida de um terço da população europeia da época.

Outro fator contribuinte para o fim da Idade Média foram as Cruzadas, guerras entre os séculos XI e XIII travadas pelos cristãos ocidentais contra os muçulmanos do Oriente. Teve como um dos principais motivos o desejo de libertar Jerusalém (também chamada de Terra Santa) das mãos dos “infiéis”. Como vemos no trecho abaixo, o Papa Urbano II, no Concílio de Clermont em 1095 se refere a Jerusalém como o “umbigo do mundo”.

Jerusalém é o umbigo do mundo, uma terra mais fértil do que qualquer outra, uma terra que é um verdadeiro paraíso de delícias. Foi essa terra que o Redentor da humanidade iluminou com a Sua vinda, consagrou com a Sua paixão, redimiu com a Sua morte e marcou com o Seu sepultamento. Esta cidade, situada no meio do mundo, encontra-se agora nas mãos dos inimigos e subjugada por aqueles que não conhecem a Deus, para as cerimônias dos pagãos. Ela anseia e espera por liberdade. Jerusalém vos roga incessantemente que partais em seu socorro. Espera auxílio de vós, especialmente porque Deus vos concedeu glórias nas armas mais do que qualquer outra nação. Empreendei, pois, essa viagem pela remissão dos vossos pecados, com a certeza da glória que pode desfrutar-se no reino do Céu.

As Cruzadas resultaram no incremento do comércio entre o Ocidente e o Oriente, o contato com as civilizações muçulmanas e bizantinas trouxeram refinamento as ocidentais dentre eles: as técnicas de cultivo, indústria e contabilidade. Também contribuíram para o enfraquecimento da nobreza e do prestígio do papado.

Outros fatores que contribuíram para o fim do medievo foram a Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453) travada entre França e Inglaterra, e as religiosas Questões das Investiduras envolvendo o Papado e o Sacro Império Romano-Germânico.

A França, país onde nasceu Pedro Abelardo, desde o século X estava dividida em principados feudais – ducados e condados -, que formavam os grandes feudos; a estes se juntavam os feudos eclesiásticos. Verdadeiros soberanos, os condes, os duques e os bispos tinham o direito de exercer a justiça, fazer uma guerra e cunhar moedas. Reconheciam o rei como suserano de todos, sua autoridade se resumia no



controle das cidades e do domínio real, ou seja, as terras de sua propriedade. Vale lembrar que o país era dominado pela Dinastia Capetiana de Hugo Capeto.

Foi também nesse período que o pensamento intelectual foi estimulado com obras publicadas nos campos teológicos e filosóficos. Não podemos esquecer-nos dos monges copistas, graças a eles textos de pensadores da Antiguidade chegaram até nós, mantendo a tradição da leitura e da escrita. Na Alta Idade Média, os homens não sabiam ler e escrever. As invasões bárbaras haviam destruído a maioria das bibliotecas, se escaparam aquelas que se encontravam nos mosteiros medievais, salvos pelos copistas.

Os homens mais instruídos e inteligentes pertenciam à Igreja Católica. Eles escreviam cartas, versos, tratados de teologia, crônicas da história do mundo, anais, passagens de cometas, batalhas, mortes de reis e abades. Vale lembrar que a língua usada na época era o latim. Um latim muito prolixo, cheio de citações e repetições de frases de pensadores da Antiguidade.

2.2 Filosofia medieval, a escolástica

O teólogo brasileiro Leonel Franca introduz a origem de uma “verdadeira renascença literária e filosófica”.

Delimita-se, com efeito, a partir do século VII, na Europa ocidental, uma verdadeira renascença literária e filosófica. Sob a proteção da igreja, sempre fiel à sua missão de iluminar intelectual e moralmente a humanidade, o movimento bem auspiciado vai prosperando a princípio lenta e dificilmente, devido aos inúmeros obstáculos opostos pelas condições sociais do tempo; mais tarde, com rapidez e segurança, até atingir, no século XIII, o apogeu do seu desenvolvimento.

A palavra escolástica provém de *schola* = escola e *scholasticus* = mestre-escola, ou seja, deu-se o nome de escolástica a filosofia ensinada nas escolas medievais da Europa. É o resultado de estudos aprofundados da arte dialética.

Corrente filosófica que tem uma profunda relação com a teologia, pelo fato de nascer nas escolas monásticas cristãs, posteriormente eles se estenderam às Universidades. Tentando conciliar a fé cristã com a forma de pensamento racional enfatizando na dialética a ampliação do conhecimento e resolvendo contradições (fé e razão).

A filosofia da Antiguidade Clássica ganha então contornos judaico-cristãos, já esboçados a partir do século V, quando se sentiu a urgência de mergulhar mais fundo em uma cultura espiritual que estava se desenvolvendo rapidamente, para assim imprimir a estes princípios religiosos um caráter filosófico, inserindo o Cristianismo no



âmbito da Filosofia. Destas tentativas de racionalização do pensamento cristão surgiram os dogmas católicos, os quais infiltraram na mentalidade clássica dos gregos conceitos como 'providência', 'revelação divina', Criação proveniente do nada', entre outros.

Existem várias teses importantes para formar uma grande síntese. Em criteriologia: a existência da certeza e objetividade do conhecimento. Em metafísica: individualismo acentuado, construído sobre as noções aristotélicas de ato e potência, substância e acidente. Em cosmologia: composição substancial dos seres. Em psicologia: espiritualismo moderado, unidade, substancialidade e espiritualidade da alma, distinção entre o conhecimento sensitivo e intelectual, origem sensitiva das ideias, livre arbítrio. Em teodiceia: transcendência e personalidade de Deus, Criação e Providencia.

Teve um time de pensadores de renome, alguns divergentes entre si, dentre eles: Boaventura, Tomás de Aquino, Guilherme de Ockham, Pedro Abelardo entre outros.

Para melhores fins de estudo, houve uma divisão da Filosofia Escolástica em:

- I. PERÍODO DE FORMAÇÃO (Séc. IX – XII): abrange Pedro Abelardo, estudaremos a seguir;
- II. PERÍODO DE APOGEU (Séc. XIII): início das universidades;
- III. PERÍODO DE DECADÊNCIA (Séc. XIV – XVII): transição para o Humanismo.

2.2.1 Período de formação (séc. ix – xii)

Possui influência das Escolas Carolíngias, isto é, escolas impulsionadas por Carlos Magno. Magno compreendeu a necessidade de avivar entre os francos a literatura e a ciência e recomendou a fundação de escolas por todo o império. Existiam três tipos de escolas: monacais, catedrais e palatinas. O programa de ensino compreendia: 1) as artes liberais divididas em dois grupos, trivium (gramática, retórica, dialética) e quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música); 2) rudimentos de ciências naturais; 3) filosofia; 4) teologia. Esta modalidade de pensamento era essencialmente cristã e procurava respostas que justificassem a fé na doutrina ensinada pelo clero, guardião das verdades espirituais.



As questões dialéticas absorveram quase toda a atividade intelectual. Aos poucos se agruparam os problemas de ordem psicológica e metafísica. Nesse período inicial da Escolástica, as questões mais avivadas em debates foram a dos universais.

Ora, sendo as realidades sujeitas à nossa experiência, mutáveis e contingentes, qual o valor objetivo destes conceitos? Com que fidelidade exprimem eles a realidade extrema? Como explicar a contradição aparente entre o caráter de universalidade das nossas ideias e o caráter de individualidade e contingência das coisas em si? Destas perguntas nasceu a famosa questão dos universais, uma das mais escabrosas e importantes de toda a filosofia. A questão do valor objetivo das ciências está todo aí. Das quatro soluções possíveis originaram-se outros tantos sistemas diversos, conhecidos com os nomes de realismo exagerado, nominalismo, conceptualismo e realismo moderado. (FRANCA, 1973, PÁG 95).

As primeiras soluções inspiraram-se em um *realismo exagerado*, afirmando contra toda a evidência a existência de realidades objetivas formalmente universais. Dentre os realistas exagerados destacam-se Platão, Guilherme de Champeaux, Santo Anselmo etc.

O *nominalismo* nega a existência dos conceitos universais ao conceder a universalidade somente aos vocábulos ou termos comuns, reduzidos ao designar uma coleção de indivíduos ou uma série de acontecimentos. João Roscelino, na qual Pedro Abelardo foi discípulo, era nominalista.

O *conceptualismo* admite só o valor ideal dos conceitos universais negando uma realidade extramental que lhes corresponda.

O *realismo moderado*, também chamado de aristotélico ou tomista, é a única solução que põe a salvo a objetividade do conhecimento científico e se harmoniza com os dados da consciência, defendendo o objetivo e real valor das ideias, estabelecendo uma certa distinção entre o modo por que a coisa existe em si e o modo por que existe na inteligência. O universal só existe na inteligência, mas, a semelhança real dos seres em uma mesma espécie presta-lhe um fundamento objetivo justificando a aplicação abstrata a todos os representantes individuais e concretos.

Em uma breve introdução, Pedro Abelardo era realista, na qual estudaremos mais adiante.

2.3 O direito penal medieval ou direito canônico

O Direito Canônico, em uma explicação rápida, será abordado neste artigo pelo fato de ser considerado o Direito Penal Medieval, ou seja, na Idade Média o âmbito penal era regido pela Igreja Católica. Também por ter punido o cônego Fulbert



e seus aliados por terem mutilado Pedro Abelardo, fato que será abordado no tópico seguinte ao falar da biografia do filósofo.

É o conjunto das normas que regulam a vida na comunidade eclesial. Ainda existente, estando relacionado ao dia-a-dia de todos os católicos no mundo. É aplicado, por exemplo, na discussão da validade de um matrimônio. Ao compararmos os tempos modernos dos tempos medievais, o Direito Canônico era aplicado para punir os criminosos, diferente de hoje, onde usamos o Direito Penal.

O Direito Romano, Grego e Canônico fazem parte da evolução histórica servindo como base para o nosso Direito Penal.

Em decorrência da gigantesca estrutura herdada e da necessidade de organizar os múltiplos problemas surgidos no âmbito da nova realidade, a Igreja lança mão de um sistema jurídico construído à “imagem e semelhança” do ordenamento romano, porém sobre outros fundamentos. Tanto que, com o fim do Império romano do Ocidente, o Direito canônico, ao contrário, expandiu-se, inclusive sobrepondo-se ao Direito laico ou, no mínimo, sendo reconhecido como única fonte em algumas matérias. (DEMO, 2000, PÁG.49).

O primeiro direito a surgir foi o penal. Inicialmente surgiu no período das chamadas vinganças privadas. Essas vinganças eram exercidas pela própria vítima, seus parentes (no caso de Abelardo) ou do agrupamento social pertencente. No início superava a agressão. Com o passar do tempo, não houve a permissão que o revide ultrapassasse a ofensa ou o transgressor satisfazia a ofensa mediante pagamento em dinheiro ou em espécie, sem dúvida um progresso. A vingança privada não era sagrada, ou seja, não havia laços com a religião.

Os tribunais eclesiásticos não costumavam aplicar a pena capital. A Igreja defendeu sempre a mitigação das penas, até o advento da Inquisição, com o Concílio de Latrão, em 1215. Passou-se então a empregar a tortura, em larga escala. O processo inquisitório dispensava prévia acusação, pública ou privada, podendo as autoridades eclesiásticas proceder de ofício. (COSTA JR.2000.PÁG.12).

Se pensarmos na importância do Direito Canônico na Idade Média, precisamos considerar alguns fatores: 1) a tendência universalista da Igreja: partindo do princípio, o cristianismo coloca-se como a única verdadeira religião para os homens, procurando a Igreja impor esta concepção ao mundo todo, de um Direito universal; 2) a regulação exclusiva de determinados ramos de Direito privado: as questões eram resolvidas por tribunais eclesiásticos; 3) a ausência de outro Direito escrito: único Direito escrito no Ocidente durante a maior parte da Idade Média; 4) a existência de outros trabalhos doutrinários anteriores ao Direito laico: constituição de



uma ciência de Direito Canônico, exercendo grande influência sobre o Direito laico em toda a Europa.

3. A VIDA E OBRA DE PEDRO ABELARDO

3.1. Pedro Abelardo e sua história de minhas calamidades

Oriundo do burgo Le Pallet, próximo de Nantes, Abelardo nasceu no ano de 1079, pertencendo a uma família de pequena fidalguia. Berengário, seu pai, adorava as letras. Primogênito, Abelardo renunciou à carreira armada e se envolveu com a dialética.

Abelardo, possivelmente, recebeu sua educação inicial das mãos de um preceptor particular e entusiasmou-se tanto pelo estudo das Letras, em especial o da Dialética, que renunciou completamente à carreira militar. Por volta de 1091 – 1094 foi aluno de Roscelino, considerado fundador do nominalismo. Por volta do ano de 1100, com a autorização de seus pais, saiu de casa à procura das melhores escolas e mestres de seu tempo. Conheceu algumas escolas até chegar a Paris e presenciar as aulas da escola catedral, onde o arqui-diácono Guilherme de Champeaux era o responsável.

Aos vinte e três anos abre uma escola em Melum. Apreciador das justas intelectuais obriga Champeaux a corrigir a sua tese sobre os universais, ficando com a cátedra do outro.

Ao se interessar pela teologia, começa a seguir Anselmo de Laon. De volta a Paris, obtém a direção da Escola de Notre-Dame. Chegou a reunir mais de 5.000 ouvintes em torno de sua cátedra.

Foi nesse período o início do, talvez, episódio mais conhecido de sua vida: o amor por Heloísa e como consequência o fim de seu ensino.

Conhece a bela e culta Heloisa, sobrinha do cônego Fulbert, na qual zelava pelo engrandecimento do saber da sobrinha. Denis Huisman em seu Dicionário dos Filósofos trata a impressão de Abelardo como “*adolescentula per faciem non ínfima*”: jovenzinha nada desprezível fisicamente” (PÁG. 1). Abelardo, um estrategista, aloja-se na casa de Fulbert com o pretexto de dar aulas a moça. Com o tempo, o teólogo e a moça apaixonam-se e se encontram as escondidas. No trecho da obra História de Minhas Calamidades, Abelardo fala da relação com a moça.

E quanto mais essa volúpia me dominava, tanto menos eu podia consagrar-me à filosofia e ocupar-me da escola. Para mim era muito aborrecido ir à escola ou nela permanecer, como era, igualmente, muito



difícil para mim ficar em pé, enquanto dedicava as vigílias noturnas ao amor e as horas diurnas ao estudo. As aulas, então, tinham em mim um expositor negligente e indiferente, de tal modo que eu já nada proferia servindo-me do engenho, mas repetia tudo mecanicamente, e já não passava de um repetidor dos meus primeiros achados e, se fosse possível ainda achar algo, seriam versos de amor e não os segredos da filosofia.

O cônego descobre a ligação entre eles e os obriga ao casamento. Heloisa rejeita e põe o título de amante muito acima do título de esposa. Heloisa engravida e juntos tem um filho chamado Astrolábio.

Do mesmo modo o casamento é celebrado secretamente, o cônego divulga o acontecimento e a moça mantendo a sua decisão, nega. Com essa atitude, Heloisa é submetida a maus tratos, diante disso, Abelardo a rapta para um mosteiro.

Um gesto mal interpretado, o parente da moça achou que Abelardo queria divertir-se com ela e, certa noite Abelardo foi castrado. Após essa mutilação, ele se refugia na abadia real de Saint-Denis, ordenando que Heloisa tome o véu. Em mais um trecho da obra, Abelardo retrata a castração.

Quando me inteirei do que acontecia, enviei-a para certa abadia de monjas, perto de Paris, chamada Argenteuil, onde ela outrora, quando menina, fora educada e instruída. Fiz preparar para ela o hábito religioso conveniente à vida monástica e com ele a revesti, exceto o véu. Tendo ouvido o que se passara, o tio dela e os seus parentes ou cúmplices acharam que eu já zombara imensamente deles e que, ao fazê-la monja, eu queria desembaraçar-me dela facilmente. Donde, profundamente indignados e mancomunados contra mim, certa noite, enquanto eu repousava e dormia num quarto retirado da minha residência, tendo corrompido com dinheiro o meu servidor, puniram-me com a vingança mais cruel e vergonhosa, e de que o mundo tomou conhecimento com o maior espanto, isto é, cortaram aquelas partes do meu corpo com as quais eu havia perpetrado a façanha que eles lamentavam.

Mais tarde, os agressores foram presos e castigados com a mesma mutilação e com a perda dos olhos, enquanto o cônego Fulbert teve seus bens confiscados e foi desterrado de Paris.

Uma consideração importante a fazer é que se trata de uma vingança privada, ilegal. Um tribunal eclesiástico julgou os culpados e a punição se assemelha aquele principio do Código de Hamurabi, olho por olho, dente por dente. O Direito Canônico prevalecia naquela época.

Mutilado e recluso, Abelardo e Heloisa trocam as suas famosas cartas de amor.

Embora nós estivéssemos separados, era possível que nos tornássemos presentes um ao outro por intermédio de cartas, assim como escrever com mais audácia aquelas coisas que geralmente não se dizem de viva voz e, desse modo, estaríamos sempre em agradáveis colóquios.



No fim, Abelardo morre aos 63 anos no priorado de Saint-Marcel, perto de Châlons-sur-Saône, em 1142. Por coincidência, vinte anos depois, Heloisa morre com a mesma idade de Abelardo, 63 anos.

3.2 O pensamento de abelardo

Como foi dito em sua biografia, Pedro Abelardo ainda novo se interessou pela dialética. É um dos precursores da Escolástica, jovem fundou escolas, conseguiu sua cátedra, foi discípulo de dois grandes filósofos, Roscelino e Champeaux, combateu os sistemas de seus mestres.

Abelardo anteviu a verdadeira solução do árduo problema sem lhe achar uma fórmula completa e exata. Estudou a questão dos universais à luz da teoria aristotélica do conhecimento, por ele mais aprofundada do que pelos seus antecessores, é a sua contribuição mais importante para o progresso da filosofia.

Na sua obra *Sic et Non* (Sim e Não, isto é, A Favor e Contra), Abelardo inova o método de ensino da escolástica. Sobre a interpretação das Escrituras à luz da razão e dos dogmas. Nada mais é do que uma coletânea de comentários dos Padres da Igreja, diversos e algumas vezes contraditórios.

Nas relações entre razão e fé, Abelardo prefere o racionalismo. Concorde que a razão humana pode demonstrar os mistérios e a teologia é um prolongamento natural da filosofia. Foi condenado por dois concílios, o Concilio de Soissons (1121) condena Abelardo a lançar a sua obra *Tratado sobre a unidade e a trindade divina* as chamas e no Concilio de Sens, um pouco antes de morrer.

Prestava especial atenção à linguagem, suscetível a tantas interpretações quanto à diversidade dos que a empregam.

O pensamento de Abelardo é todo fundamentado na lógica e na dialética. Apesar de ignorar a matemática e não ter qualquer interesse pelas ciências naturais, Abelardo foi um gênio crítico indomável, considerado como o melhor lógico de sua época e talvez o pensador mais profundo e original sobre linguagem e lógica de toda a Idade Média. Seu pensamento aproxima-se, em sua essência, do conceitualismo moderno, e por sua moral individualista foi precursor do racionalismo francês.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lermos a biografia de Abelardo, não existe não se surpreender com a sua história de vida. Afinal, se pensarmos contemporaneamente, ele foi vítima de um crime bárbaro, na qual chocou toda a sociedade da época. Foi acometido talvez pela maior humilhação a que um homem possa passar. Tudo por causa de um amor proibido.

É possível compararmos Abelardo e Heloisa aos também eternos amantes Romeu e Julieta, ambos se amavam e ambos não conseguiram ficar juntos em vida. Mesmo longe, Abelardo e Heloisa trocaram cartas na qual permitiam que continuassem ligados um ao outro.

Em relação à Escolástica, Abelardo têm extrema importância pois é considerado o preceptor da corrente e formulador do conceitualismo.

Vimos também um pouco da história do atual Direito Penal, originário do Romano, Germânico e Canônico, este último, prevalecente na Idade Média.

REFERÊNCIAS

- ABELARDO, P. **A História de minhas Calamidades**. São Paulo: Abril, 1973.
- ARRUDA, J.J.A. **História Antiga e Medieval**. 5ª Edição. São Paulo: Ática, 1982.
- DEMO, W. **Manual de História do Direito**. Florianópolis: OAB/SC, 2000.
- FRANCA, L. **Noções de História da Filosofia**. 21ª Edição. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1973.
- HUISMAN, D. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- ISAAC, J; ALBA, A. **Curso de História – A Idade Média**. São Paulo: Mestre Jôu, 1967.
- JÚNIOR, P.J.C. **Direito Penal – Curso Completo Volume Único**. 8ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2000.

